



## MEMÓRIAS QUE ECOAM “NAS ÁGUAS DO TEMPO”, DE MIA COUTO

## MEMORIES THAT ECHO “IN THE WATERS OF TIME”, BY MIA COUTO

Anderson de Souza Frasão\*

**RESUMO:** Este trabalho faz uma análise do conto “Nas águas do tempo”, de Mia Couto, tendo como fio condutor a recorrência à memória – construção discursiva que representa um elemento primordial para a compreensão do passado e continuidade do presente –, na perspectiva de demonstrar sua influência na preservação e manutenção das crenças e costumes ancestrais, demonstrando, também, o diálogo que estabelece com nacionalismo, identidade e oralidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; tradição; nacionalismo; identidade; oralidade.

**ABSTRACT:** This paper makes an analysis of the short story “in the waters of time”, by Mia Couto, having as thread the recurrence from memory – discursive construction that represents a key element for comprehension of the past and continuity of present –, from the perspective of demonstrate your influence on the preservation and maintenance of ancient beliefs and customs, also demonstrating that dialogue established with nationalism, identity and orality.

**KEYWORDS:** Memory; tradition; nationalism; identity; orality.

## INTRODUÇÃO

O tratamento do tema nacionalismo tem-se feito presente nas literaturas africanas de língua portuguesa desde a sua formação até seu desenvolvimento atual, passando, evidentemente, por evoluções. No passado, a preferência às questões referentes à “nação” possibilitou diversas manifestações efetuadas na e pela palavra; na atualidade, a recorrência a este passado permite efetuar a sua interpretação e a compreensão do seu funcionamento no interior do presente.

---

\* Graduado em Letras (Língua Portuguesa e suas Literaturas) pela Universidade de Pernambuco – [andersonfrasao@hotmail.com](mailto:andersonfrasao@hotmail.com)



Ao buscar a reconstituição da identidade cultural que sofreu esfacelamento, dentre outros motivos, pela presença do colonialismo, alguns escritores pós-coloniais inscrevem a história na terra, recorrendo aos espaços e aos elementos culturais por ela disponíveis, pois, nas palavras de Rita Chaves, “Instrumento de afirmação da nacionalidade, a literatura será também um meio de conhecer o país, de mergulhar num mundo de histórias não contadas ou mal contadas, inclusive pela chamada literatura colonial”(2004, p. 154).

Nas especificidades da literatura produzida em Moçambique, diversas tessituras põem em xeque experiências difíceis vividas no período da administração colonial portuguesa. De modo que, através do discurso literário alguns escritores, como Rui Noronha, por exemplo, desenvolveram uma proposta de reivindicação, havendo, posteriormente, uma busca pela construção de um projeto idealista, a fim de se chegar a “identidade moçambicana”. Nessa conjectura residiu à formação da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), na década de 1982, haja vista que os escritores e intelectuais que a compuseram se preocuparam diretamente em resolver algumas das problemáticas herdadas do colonialismo, tais como o analfabetismo, os confrontos militares e a instabilidade ideológica e cultural do país.

Segundo Maria Aparecida Santilli,

Em Moçambique, a penetração da cultura portuguesa teria sido insignificante por um largo tempo e, portanto, a população nacional, maciçamente analfabeta, permaneceu em suas práticas tradicionais, no uso da tradição oral (1985, p. 28). (Grifos da autora).

No entanto, ao falar dessa “insignificante penetração cultural portuguesa”, deve-se lembrar que mesmo sendo tardia não se desvincilhou do projeto colonizador, pois, como é sabido, exerceu considerável violência epistêmica no seio das comunidades autóctones.

Sobre essas comunidades, sabe-se que a memória é imprescindível na continuidade e preservação das suas culturas, pois permite que os saberes e os fenômenos sejam explicados e transmitidos aos mais jovens. Nelas, os mais velhos representam uma espécie de “guardiões da tradição” e são responsáveis pela transmissão da história coletiva, dos mitos, dos ritos e das lendas passadas de geração a geração.



Segundo Pierre Janet (*apud* LEGOFF, 1992, p. 424-425), nesses casos o ato mnemónico desempenha fundamental importância, pois se caracteriza como “comportamento narrativo” que transmite determinadas informações a outras pessoas que as desconhecem. Diante disso, percebemos a estreita relação estabelecida entre linguagem e memória, haja vista que “antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória” (ATLAN *apud* LEGOFF, 1992, p. 425).

Ao longo do tempo a composição do discurso literário tem possibilitado recriar marcas identitárias da cultura moçambicana e recompor parte do que foi desprezado pelo colonizador, pois, de acordo com Carlos Fuentes “a arte nos restaura a vida, a vida que a história, em sua precipitação, desprezou. A literatura torna real o que a história esqueceu” (2005, p. 29). Assim, mediante isso, somos levados a crer que as literaturas pós-coloniais recorrem à memória para dar conta dos eventos históricos e culturais que a “história oficial” não registrou. Nas palavras de Roland Walter,

É na literatura enquanto espaço mnemónico que autores pós-coloniais recriam os mitos necessários para se enraizarem como sujeitos autóctones. A reapropriação do espaço via memória, portanto, possibilita a colocação do colonizado na sua própria história. A renomeação do seu lugar e da sua história significa reconstruir a sua identidade, tomar posse da sua cultura; significa, em última análise, resistir a uma *violência epistêmica* que continua até o presente (2010, p. 3). (Grifos do autor).

Note-se aí que as literaturas africanas se debruçam sobre o passado na pretensão de tecer a sua reinterpretação e, conseqüentemente, revitalizar sua identidade cultural.

Como demonstrado anteriormente, à população moçambicana é maciçamente ágrafa e se comunica através da oralidade. Pela voz são transmitidos os mitos e os modos de organização e desenvolvimento dos rituais, mais também os sentidos, os princípios, os valores que são atribuídos a terra e a comunidade como um todo. Nesse contexto, a memória assume o papel da história coletiva.

Recorrer ao universo rico em mitos, ritos, costumes e crenças das culturas parece ser uma peculiaridade presente na criação literária de Mia Couto, pois abraçando a



linguagem desenvolvida pelos autênticos falantes – linguagem que se constitui pelo hibridismo entre elementos das línguas *bantu* e a língua portuguesa – Mia desenvolve uma “língua literária que, sendo urbana e cosmopolita, retoma práticas orais com origem no enraizamento da ruralidade” (LARANJEIRA, 2001, p. 202). Ou seja, esse escritor efetua um trabalho de recriação do sistema linguístico que se desenvolve na perspectiva da língua em sua real condição de uso. Porém, para além de ser tão somente concebido como um recurso estilístico, a tessitura de suas narrativas intenta mergulhar no universo da “moçambicanidade”, pois, para ele “A escrita não é um veículo para se chegar a uma essência. A escrita é a viagem, descoberta de outras dimensões e de mistérios que estão para além da aparência” (COUTO, 2005, p. 110).

### **Análise do conto “Nas águas do tempo”, de Mia Couto**

Desta feita, referimo-nos a “Estórias abençoadas”, livro constituindo por vinte e seis narrativas curtas que combinadas em doses equilibradas de realismo, fantástico e maravilhoso fazem fruir em seus leitores a “necessidade universal de ficção e de fantasia”, a qual se refere Antônio Cândido (2002). Necessidade essa, que, alias, manifesta-se constantemente no ser humano e se justifica através da fantasia que “quase nunca é *pura*”, pois sempre faz referência constante “a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc.” (2002, p. 81). (Grifos do autor).

Em nota de abertura desse livro Mia dá conta do universo que permeou a criação de suas estórias: fragmentos de uma Moçambique devastada pela guerra. E isso se comprova na tessitura de suas narrativas, pois elas acabam refletindo/refratando a realidade contextual da época, tendo em vista que mesmo não tendo obrigação de retratar a realidade, o discurso acaba nos remetendo a ela.

Assim, “Nas águas do tempo” – narrativa que dá início a esse livro – Mia Couto trabalha, segundo Nataniel Ngomane, a questão da “passagem do testemunho de geração para geração”, esse “reaprendizado da vida e dos costumes”, mas, também, “retrata de tão



perto a ainda viva cultura da oralidade, onde a palavra do mais velho, o avô, é a escola: não só do gesto e dos profundos segredos do saber, mas, e sobretudo, do culto aos antepassados, cuja força e energia está sempre presente” (1999, p. 287).

Nessa narrativa, logo de saída, as memórias do narrador endereçam o caminho que o leitor irá percorrer, proporcionando a este uma viagem em suas lembranças, impressões, reações e sentimentos vividos por aquele, nos dias em que seu avô o conduzia aos passeios que, começando no pequeno rio, destinavam-se ao grande lago. Segundo ele, esse percurso sempre se desenvolvia calmamente. A aflição ficava por conta da sua mãe, pois ela desconhecia qual o destino desses passeios. Indagando-os, não recebia de seu pai elucidaciones, apenas a assertiva que o regresso seria breve.

Aqui, faz-se necessário ressaltar que as lembranças são rememoradas pelo narrador-protagonista, aquele que, segundo Lígia Chiappini (2002, p. 44) é a personagem central, mas que “não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos”.  
Veja-se:

Nem eu sabia o que ele perseguia. Peixe não era. Porque a rede ficava amolecendo o assento. Garantido era que, chegada a incerta hora, o dia já crepusculando, ele me segurava a mão e me puxava para a margem. A maneira como me apertava era a de um cego desbengalado. No entanto, era ele quem me conduzia, um passo à frente de mim. Eu me admirava da sua magreza direita, todo ele musculíneo. O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver. (COUTO, 2009, p. 13). (Grifos nossos).

Perceba-se também que a relação estabelecida entre avô e neto é consolidada pelo processo de iniciação no qual o segundo é acometido pelo primeiro. Isso nos remete as formas pelas quais nas comunidades tradicionais os jovens são orientados pelos mais velhos, a fim de que não percam de vista os valores ancestrais que fundamentam a existência e dão coesão ao grupo. Nesses casos, a transmissão do saber recorre à memória, pois ela conserva o acervo cultural que fundamenta a existência étnica e familiar dos povos sem escrita, por meio do relato oral. No entanto, na esteira de Jack Goody (*apud* LE GOFF, 1992, p. 429)



haveremos de convir que essa mesma memória não se desenvolve “palavra por palavra”. Pelo contrário, nessas comunidades a memorização mecânica parece não ter a menor utilidade.

Voltando à narrativa, o narrador nos conta que ambos – avô e neto – entram no barco e antes de partir o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia um pouco de água, com as mãos em formato de concha, gesto ele imitava. O avô fazia a advertência para que ele não retirasse a água em sentido contrário à correnteza, para não contrariar os espíritos que fluem, pois isso poderia trazer desgraças. Note-se aqui que o avô transmite crenças provindas da tradição, mais especificamente a crença nos espíritos e as ensina ao seu neto.

Logo em seguida, viajavam até o grande lago, lugar cosmologicamente adensado. Lá residiam as “interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra” (COUTO, 2009, p. 14). Sendo um ambiente de extrema calma, nele eram levados à contemplação total, como se estivessem em reza ou estado de perfeição. Mas, repentinamente o avô se levantava, tirava seu pano vermelho e acenava. A quem ele cumprimentava era um mistério para o narrador, pois, nunca havia vislumbrado “nem alma deste ou de outro mundo”. O velho lhe indagava: “– *Você não vê lá, na margem? Por trás do cacimbo?*” (COUTO, 2009, p. 14). (Grifos do autor). Ele vislumbrava apenas neblina e os “receáveis aléns”. Ao perder a visibilidade, o velho se recolhia e ambos regressavam, em silêncio.

Ao chegar em casa eram recebidos com azedume pela mãe do garoto. Ela o proibia de voltar naquele lago. Não queria que fossem no lago novamente, pois temia as ameaças que lá residiam. Contudo, logo em seguida seu coração amolecia com a chegada dos dois e brincando, dizia: “– *Ao menos vissem o namwetxo moha! Ainda ganhávamos vantagem de uma boa sorte...*” (COUTO, 2009, p. 15). (Grifos do autor). Veja-se que aqui a tradição é revisitada, pois o namwetxo moha, segundo a crença dos personagens, é um fantasma que apenas surgia à noite, constituído de metades. A crença nesse “semifulando”, conforme podemos entrever, pauta-se nos mitos primordiais. Cabe mencionar que eles são passados de geração a geração através da oralidade, sendo, quase que exclusivamente de incumbência dos mais



velhos.

O narrador nos conta que quando criança saía com outros garotos para procurar tal monstro, mas que nunca conseguiram encontrá-lo. Já seu avô lhe “apoucando” dizendo que quando jovem tinha visto o moha. A mãe do menino desmentia, mas eles nunca pensaram em duvidar. Diante disso, não restam dúvidas que as sociedades sempre preservam a sua essência cultural. De acordo com Tânia Maria Rosa,

As gerações se reencontram pela memória, pelas lembranças provindas da imaginação, seja de forma oral, seja de forma escrita, e resgatam valores perdidos em meio à turbulência do mundo moderno. A pressa, a avareza, o mundo digital e tecnológico afasta o conviver, o saber ouvir e compreender. As tradições do passado podem se perder no labirinto do mundo moderno, no entanto, o que está registrado não se perde, o que se viu e viveu e se contou ficam na memória (2010, p. 40).

E é justamente isso que comprovamos na narrativa. A crença no moha é atualizada no garoto, garantido a sua preservação.

Certa vez, tudo transcorria de modo habitual e eles esperavam os “ditos panos”. Ao ver as canas verdes das margens do lago o neto é levado à indagação: “Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas. O primeiro homem? Para mim não podia haver homem mais antigo que meu avô” (COUTO, 2009, p. 16). Essa indagação do narrador-protagonista nos leva ao encontro da atribuição de valor e reverência aos mais velhos, pois eles detêm o saber proveniente do conhecimento acumulados pelas suas vivências. Nas palavras de Sylvania Núbia Chagas,

São os mais velhos que vão contando suas histórias, “iniciando” as novas gerações; por conseguinte, costuma-se dizer que “cada velho que morre é uma biblioteca que se perde”, o que vai fazer essas sociedades cultuarem os mortos como se estivessem presentes, através dos rituais da tradição oral (2011, p. 26). (Grifos nossos).

Após refletir, o narrador nos conta da sua curiosidade em ver àqueles pântanos, ir até a margem e pisar naquelas terras “não-firmes”. Seu avô o contraria com semblante bravo e lhe adverte para que ele nunca faça isso. O neto se desculpa, argumentando que



era só por um pequeno espaço de tempo. Porém, o velho lhe explica que naquele “*lugar; não há pedacitos. Todo o tempo a partir daqui, são eternidades.*” (COUTO, 1994, p. 16). (Grifos do autor). Somos levados a crer que esta seria a fronteira responsável por separar o mundo dos vivos do mundo dos mortos, por isso o neto não poderia adentrar nela. Veja-se:

Eu tinha um pé meio-fora do barco, procurando o fundo lodoso da margem. Decidi me equilibrar, busquei chão para assentar o pé. Sucedeu-me então que não encontrei nenhum fundo, minha perna descia engolida pelo abismo. O velho acorreu-me e me puxou. Mas a força que me sugava era mais forte que o nosso esforço. Com a agitação, o barco virou e fomos dar com as costas posteriores na água. Ficámos assim, lutando dentro do lago, agarrados às abas da canoa. De repente, meu avô tirou o seu pano do barco e começou a agitá-lo sobre a cabeça.

– Cumprimenta também, você!

Olhei na margem e não vi ninguém. Mas obedeci ao avô, acenando sem convicções. Então, deu-se o espantável: subitamente, deixámos de ser puxados para o fundo (COUTO, 2009, p. 16). (Grifos do autor).

Aqui, paradoxalmente se instauram percepções distintas: a dos leitores e do narrador. Para este, houve naquele momento a presença de uma “força” que o puxava para baixo, sendo mais forte que seu esforço. Por nós, tal “força” pode ser meramente compreendida como a presença natural da gravidade e/ou provinda da densidade daquelas águas – que poderiam ser lamacentas ou lodosas. Assim, para um melhor entendimento, faz-se necessário adentrar e compreender o universo de crenças que circunda a personagem, pois, para nós o representa a “lógica”, para ela pode representar a presença do transcendental. Principalmente quando se leva em consideração que para algumas comunidades tradicionais lagos e rios representam espaços divinizados que funcionam como canais, estabelecendo comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos antepassados.

Após isso, o velho determina que tudo o que se passou seja guardado em segredo e na mesma noite explica ao neto sobre os reais motivos de cumprimentar os panos brancos, dizendo:

(...) nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos,



deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos (COUTO, 1994, p. 17). (Grifos do autor).

Perceba-se que ele dá conta da fragmentação acometida às antigas crenças, haja vista que “quase todos estão cegos” por deixarem de ver os outros seres situados no outro lado da margem. Evidentemente que a cegueira a qual se refere o velho não diz respeito à perda dos sentidos da visão, mas ao desvio em relação à tradição, a falta de culto aos antepassados. Deixar de ver/reverenciar os antepassados causa grande tristeza porque significa perder os elos que estabelecem ligação entre o ontem e o hoje, pois, de acordo com as palavras de Laura Padilha, “Intermediando o vivo e o morto, bem como as forças naturais e as do sagrado, estão os ancestrais, ou seja, os antepassados (...). Eles estão, assim, ao mesmo tempo próximos dos homens, dos deuses e do ser supremo, cujas linguagens dominam” (1995, p. 10). De modo que, o culto e crença nos ancestrais é um traço distintivo no que se refere à própria identidade cultural dos povos tradicionais. Assim, deixar de acreditar “nos outros que nos visitam”, naqueles “que acenam da outra margem” é algo gravíssimo. Nesse caso, a grande responsável para que a tradição seja perpetuada é a memória, pois, assumindo funções no processo psicológico, “permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações” (BERGSON *apud* BOSI, 2004, p. 46-47), funcionando como um “norte” que propicia a transmissão de saberes dos mais velhos aos mais jovens. E Maurice Halbwachs (*apud* Bosi, 2004, p. 63) parece corroborar, dizendo:

Nas tribos primitivas, os velhos são o guardiães das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo das conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação.

Voltando a narrativa, a personagem-protagonista conta que certa tarde seu avô o levou para o lago. Porém, neste dia o tempo passou lentamente, levando o velho a grande



inquietação. Procurando com as vistas os “do outro lado” ele não vislumbrava ninguém e em determinado momento sentenciou que seu neto ficasse ali, enquanto saltou para a margem e pisou nos “interditos territórios”, para surpresa do menino. Veja-se:

Presenciei o velho a alojar-se com a discrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepiado. Me recordo de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu. Parecia uma seta trespassando os flancos da tarde fazendo sangrar todo o firmamento. Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco. Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundado. Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões (COUTO, 2009, p. 17-18).

Após a explicação do avô no que se refere ao culto e a crença nos ancestrais, ambos – avô e neto – seguem para o lago, lugar cosmologicamente adensado, pois era sempre naquele lugar onde aconteciam as visitas. Atravessando essa fronteira o avô vai em direção ao mundo dos ancestrais, rompendo os limites que separavam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. O garoto consegue visualizar a passagem de seu avô para a outra margem, o modo como ele se alojou “com a descrição de uma nuvem” e “declinou em um sonho, na margem da miragem” e pela primeira vez conseguiu visualizar os panos na outra margem, vendo também os panos vermelhos de seu avô “desmaiarem” da cor vermelha para a branca.

Regressando do lago, lembrou-se das palavras de seu avô que diziam: “a água e o tempo são irmão gêmeos, nascidos do mesmo ventre” (COUTO, 1994, p. 18), acabando, assim, por descobrir a existência de um rio que jamais morreria, no qual agora conduz seu filho, ensinando-lhe a vislumbrar os panos brancos.

## Conclusão

Mediante essa análise, comprovamos que as literaturas africanas de língua



portuguesa se voltam para o passado na pretensão de buscar as matrizes significantes da tradição, tentando recuperar uma franja das lacunas que o sistema colonial abriu no desenvolvimento cultural dos seus povos. Mais essa “recuperação” não é integral, pois se efetua a partir da reinvenção da história mediante aquilo que é disponível no presente. Nas palavras de Inocência Mata,

Já não se trata, pois, de um mero processo de evocação do passado mas a sua explicação para que funcione como factor interior ao presente. É já uma história projectada no futuro, um passado do futuro visto no tempo do presente. Mas história em que abundam fiapos do imaginário cultural, germinados na história a diferentes níveis de sensibilidades, mitos retidos na memória efabulada e na memória (re)inventada (2001, p. 69).

Assim, as experiências de vida dos povos – quer vividas na individualidade, quer vividas em grupo – caracterizam noções de pertencimento identitário coletivo, pois integram o acervo do imaginário cultural dos povos que atravessam os tempos. Nessa conjectura, funciona como uma espécie de “memória herdada” que desenvolve a continuidade e a coerência da pessoa e/ou do grupo no processo de reconstrução de si, que se faz em referência a outrem na negociação de sentidos (POLLAK, 1992).

Conclui-se, pois, que na narrativa analisada a recorrência à memória dá conta do universo de “fragmentação” que acomete a tradição, neste caso legada pelo colonialismo e ao mesmo tempo aponta para a reconstrução da nação, pois “Onde restou o homem sobreviveu a semente” (COUTO, 2009, p. 7). Diante disso, fica muito claro que Mia Couto se volta para a tradição na finalidade de recriar a identidade cultural do povo moçambicano, mediante o entendimento do passado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 12ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

CANDIDO, Antonio. “A literatura e a formação do homem”. In: DANTAS, Vinicius (Org.). **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002, p. 77-82.



CHAGAS, Sylvania Núbia. **Nas fronteiras da memória**: Guimarães Rosa e Mia Couto, olhares que se cruzam. Recife: EDUPE, 2011.

COUTO, Mia. "O sertão brasileiro na savana moçambicana". In: \_\_\_\_\_. **Pensamentos**: textos de opinião. Lisboa/Maputo: Editorial Ndjira, 2005, p. 103-112.

\_\_\_\_\_. **Estórias abensonhadas**. 9ª ed. Lisboa: Caminho, 2009.

CHAVES, Rita. "O passado presente na literatura africana". **Via Atlântica**, n. 7, São Paulo, 2004, p. 147-161.

CHIAPPINI, Ligia. **O foco narrativo**: ou a polêmica em torno da ilusão. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

FUENTES, Carlos. "Elogio do romance". Trad. Wanda Caldeira Brant. **Le Monde Diplomatique**, v. 52, n. 621, Paris, 2005, p. 28-29.

LARANJEIRA, Pires José. "Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa". **Anejos**. n. 2, Madrid, 2001, p. 185-205.

LEGOFF, Jacques. "Memória". In: \_\_\_\_\_. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira et al. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p. 423-477.

MATA, Inocência. **Literatura angolana**: silêncios e falas de uma voz inquieta. Lisboa: Mar além, 2001.

NGOMANE, Nataniel. "Entre a mágoa e o sonho... nas 'Estórias Abensonhadas' de Mia Couto". **Via Atlântica**, n. 3, São Paulo, 1999, p. 284-289.

PADILHA, Laura. **Entre voz e letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: EDUFF, 1995.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROSA, Tânia Maria Mandial. **Identidade e alteridade em leituras de Guimarães Rosa e Mia Couto**: sujeitos-leitores em fase escolar. 2010. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas**: história e antologia. São Paulo: Ática, 1985.

WALTER, Roland. "Literatura, história e memória no contexto pós-colonial". **Eutomia**, Recife, v. 3, n. 1, Jul. 2010, p. 1-11.